OS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DOS ENUNCIADOS: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA EM GÊNEROS TEXTUAIS

Izabel Larissa Lucena Silva[1]
Izabel Larissa Lucena Silva[2]

RESUMO

Este estudo tem por objetivo investigar o processo de modalização, buscando descrever e analisar a expressão da modalidade em editoriais do jornal Folha de São Paulo. Considerando a noção de que os modalizadores são, segundo Neves (2013), utilizados na interação verbal para construir o ponto de vista do enunciador, seu posicionamento, investiga-se a manifestação da modalidade na construção dos efeitos de sentido ligados ao posicionamento do jornal Folha de São Paulo em relação ao primeiro ano de governo do presidente Jair Bolsonaro. Para tanto, adota-se os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (2008). Na perspectiva da GDF, a categoria modalidade é descrita e analisada a partir de dois parâmetros: (i) o domínio semântico, que faz referência ao tipo de avaliação que se faz do enunciado modalizado (modalidade facultativa, deôntica, epistêmica e volitiva); e (ii) a orientação modal, que diz respeito à parte do enunciado que é modalizada (orientada para a proposição, para o episódio, para o evento e para o participante). Metodologicamente, esta pesquisa considera 74 editoriais do jornal Folha de São Paulo publicados em 2020. Os resultados preliminares da pesquisa apontam que os operadores modais funcionam como meios linguísticos que contribuem na construção do posicionamento do jornal, fortalecendo o teor argumentativo do texto.

Palavras-chave: Processos de constituição dos enunciados Modalização Argumentação .

Unilab, ILL, Docente, izabel_larissa@unilab.edu.br[1]
Unilab, ILL, Docente, izabel_larissa@unilab.edu.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, de cunho funcionalista, buscou analisar e descrever a expressão da modalidade no gênero editorial segundo a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (GDF). Para tanto, centramos nosso objetivo em investigar as modalidades mais recorrentes nos editoriais do jornal Folha de São Paulo, isto é, a modalidade deôntica e a epistêmica. Definimos essas duas categorias modais a partir de uma incursão preliminar realizadas nos textos investigados. Tendo em vista tais categorias e a noção de que o uso de modalizadores são empregados com o propósito de formar o ponto de vista do enunciador e construir um posicionamento, investigamos como os operadores modais funcionam na construção de sentido dos editoriais e na posição adotada pelo jornal acerca da temática investigada. De acordo com Neves (2013), a modalidade é uma categoria de difícil delimitação; todavia, adotamos o conceito proposto por Coracini (1991), que mais se adequa à proposta de nossa pesquisa: “Modalidade é a expressão da subjetividade de um enunciador que assume com maior ou menor força o que enuncia, ora comprometendose, ora afastando-se, seguindo normas determinadas pela comunidade em que se insere.” (CORACINI, 1991, p.113). Desse modo, a modalidade pode se subdividir, ainda, em várias categorias, que, segundo a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, são: facultativa, deôntica, volitiva, epistêmica e evidencial. Entretanto, focamos nossa análise no uso das modalidades deôntica e epistêmica, tendo em vista que ambas são mais frequentes no gênero editorial. A modalidade epistêmica (ME), de acordo com Alves (2010), está situada no eixo do conhecimento do interlocutor e revela o grau de (in)certeza e (des)comprometimento do falante em relação ao conteúdo proposicional que é proferido. De acordo com Hattnher (1995), a ME pode ser: i) objetiva, quando se situa no nível da predicação e permite ao falante se omitir da responsabilidade de asseverar a veracidade do conteúdo informado, ex: “É possível ter pecuária, agricultura, exploração florestal..." (ALVES, 2010, p. 30); e ii) subjetiva, quando o falante se coloca como fonte da informação, apresentando seu comprometimento com relação à veracidade do conteúdo proposicional, sendo assim, inquestionável, ex. “Acredito que essa tragédia da Colômbia e tantas outras que já acompanhamos..." (ALVES, 2010, p. 31). A modalidade deôntica, que está relacionada à noção de obrigação, pode recair sobre outrem ou a si mesmo. De acordo com Menezes (2011), a modalidade deôntica “diz respeito ao que é legal, moral, socialmente admitido” (MENEZES, 2011. p. 118). Em termos funcionais, essa modalidade situa-se no nível da predicação e, segundo Neves (1996), está representada por um contínuo que está entre os eixos do proibido e do obrigatório, passando pelo eixo do permitido (NEVES, 1996). Por exemplo, em “Eu devo comer”("I must eat" HENGEVELD; MACKENZIE, 2008. p. 213), o falante impõe uma obrigação sobre ele mesmo. Já em “Temos que dar um basta nisso" (MENEZES, 2011. p. 150), o falante se insere como alvo da obrigação, ao mesmo tempo que a impõe para o ouvinte.

METODOLOGIA

Tendo em vista essa distinção, coletamos 74 editoriais do período de fevereiro a maio de 2020 do Jornal Folha de São Paulo. Filtramos os editoriais que tinham como temática o primeiro ano do governo Bolsonaro, e a partir disso, coletamos os modalizadores deônticos e epistêmicos utilizados nos textos. No que diz respeito aos procedimentos de pesquisa adotados na coleta das ocorrências, utilizamos os meios de expressão mais prototípicos das modalidades como ferramenta de busca, sendo eles: verbos, advérbios, adjetivos em posição predicativa e substantivos. Para a quantificação dos dados, usamos o programa IBM SPSS Statistics versão 22 para Windows, que é uma ferramenta de pesquisa quantitativa. No que diz respeito

ISSN: 2447-6161

à análise, as categorias utilizadas foram divididas entre três subtipos: contextuais, interpessoais, representacionais e morfossintáticas, como preconizado na perspectiva top down da GDF. No nível contextual, adotamos dois parâmetros de análise. O primeiro parâmetro tem relação com o posicionamento (favorável ou contrário) do jornal Folha de São Paulo acerca da temática considerada: questões relativas ao governo Bolsonaro. O outro parâmetro diz respeito à estrutura argumentativa do texto, isto é, analisamos se os marcadores modais se encontravam na tese, nos argumentos ou na conclusão dos editoriais. No nível interpessoal, no que se refere à modalidade deôntica, utilizamos como categorias: (i) a posição do enunciador, que pode ser de inclusão (quando o enunciador se insere no valor deôntico) ou de não inclusão (quando o valor deôntico recai apenas sobre outrem). No que concerne à modalidade epistêmica, analisamos o nível de comprometimento como categoria de análise, que pode ser alto, médio ou baixo, segundo Thompson (1996). No nível representacional, referente à modalidade deôntica, adotamos os parâmetros de análise de Pessoa (2011) e de Menezes (2006;2011): o tipo de fonte, que pode ser um indivíduo (o próprio falante ou uma terceira pessoa reportada pelo enunciador), uma instituição ou não especificado; e o tipo de alvo, que pode ser diretamente (quando o alvo é um indivíduo, mencionado pelo nome ou pelo cargo que ocupa), indiretamente (quando o alvo é um indivíduo, mencionado pelo grupo que pertence ou pela esfera pública ou privada de que faz parte) ou não indicado (quando o alvo não é especificado e a ênfase da expressão modalizadora recai sobre a proibição, a obrigação ou a permissão). No que se refere à modalidade epistêmica, consideramos os parâmetros de Marino Neto (2006), que considera os seguintes graus de modalização: certo, possível/provável e incerto. Com relação aos subtipos epistêmicos, consideramos a clássica subdivisão da modalidade epistêmica em objetiva e subjetiva (LYONS, 1977). No nível morfossintático, consideramos os meios de expressão: verbos auxiliares modais, verbos plenos indicadores de opinião, crença ou saber; advérbios, adjetivos em posição predicativa e substantivos; e o escopo de atuação sobre o qual recai a modalização: termo, predicado e proposição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos procedimentos adotados e das categorias anteriormente descritas, coletamos 222 ocorrências modalizadoras (deônticas e epistêmicas). Podemos verificar um total de 222 ocorrências coletadas correspondentes ao uso de modalizadores deônticos e epistêmicos. Na modalidade deôntica, constatamos 105 ocorrências, que correspondem a 47,3% do total. Já na modalidade epistêmica, encontramos 117 modalizadores, o que corresponde a 52,7% do total. Apesar de uma diferença pequena entre os subtipos modais, os dados revelam que, no gênero editorial, o uso de modalizadores epistêmicos tendem a ser mais recorrentes. Acreditamos que a modalidade epistêmica está mais presente nesse gênero por ter relação com à manifestação da opinião, das crenças e dos valores do editor do jornal, que representa o "porta voz" do posicionamento da Folha de São Paulo em relação ao Governo Bolsonaro. As ocorrências (01) e (02), a seguir, ilustram, respectivamente, exemplos de uso da modalidade deôntica e epistêmica no corpus analisado:

(1): "Equipes técnicas da Saúde e da área econômica deveriam liderar a gestão da crise..." (Jornal Folha de S. Paulo, editorial Presidente, retire-se, 26/03/2020. Acesso em: 06 de abril de 2020).

(2): "Em política, perdoe-se o lugar-comum, toda crise é uma oportunidade. Não haveria de ser diferente com essa que talvez seja a maior emergência sanitária que o país enfrentou na sua história recente, a pandemia do coronavírus." (Jornal Folha de S. Paulo, editorial Vírus eleitoral, 23/03/2020. Acesso em: 06 de abril de

ISSN: 2447-6161

2020).

Na ocorrência (1), podemos notar o uso do modalizador deôntico expresso pelo verbo auxiliar modal no nível da predicação. Em (1), o editorial da Folha se refere à obrigação das equipes do Estado em liderar a gestão da crise provado pelo coronavírus. Nessa ocorrência, temos uma fonte institucional destacando uma obrigação que deveria estar sendo cumprida pelos membros do executivo. Já na ocorrência (2), a marca modal é recai sobre a proposição por meio de um advérbio de dúvida, em que o jornal busca não se comprometer com o que é informado a respeito da pandemia do coronavírus. Nesse sentido, o intuito dessa afirmação seria mostrar a opinião acerca do assunto e manifestar, mesmo com um baixo nível de comprometimento, o ponto de vista do enunciador.

CONCLUSÕES

Ante o exposto, verificamos que os marcadores de modalidade são empregados nos editoriais analisados com o intuito de construir a argumentação do texto, demonstrando os pontos de vista, as opiniões e os posicionamentos do jornal. Em geral, foi possível notar que o uso da modalidade deôntica aparece nos textos por meio dos verbos modalizadores com o intuito de relembrar e destacar as obrigações do Estado. Verificamos que a noção de obrigação/ dever é mais recorrente nos argumentos. Todavia, atestamos que a Folha de São Paulo tende a não indicar diretamente os alvos das obrigações atribuídas nos editorias, revelando, assim, um certo descomprometimento de sua parte no que diz respeito aos deveres do governo Bolsonaro. Quanto ao uso dos modalizadores epistêmicos, em geral, estes aparecem com um caráter opinativo, demonstrando crenças e saberes. Nessa modalidade, o valor epistêmico demonstrou um nível alto de comprometimento do jornal ao expressar suas opiniões e seus julgamentos. Verificamos que a Folha está mais propensa a se posicionar contrária às atitudes do governo Jair Bolsonaro. Por outro lado, apesar de demonstrar sua insatisfação com o governo por meio de verbos de opinião, o jornal evita o confronto direto com o poder executivo, uma vez que não o apresenta como alvo direto das obrigações e permissões que institui, diluindo, assim, a responsabilidade pela execução dos atos instanciados nos enunciados deônticos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à PROPPG pela bolsa concedida (PIBIC/UNILAB).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rosangela Jovino. Uma análise funcionalista da modalidade epistêmica e da evidencialidade em discursos políticos. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2010. BYBEE, J. Língua, uso e cognição. São Paulo: Cortez, 2016. CORACINI, M. J. Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência. São Paulo: Educ/Pontes, 1991.

ISSN: 2447-6161

DALL'AGLIO-HATTNHER, M. M. A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor. 163p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1995

DIK, Simon C. The theory of functional grammar. Part 1: The structure of the clause. Dordrecht: Foris Publication, 1989. _____. The theory of functional grammar. Part 2: Complex and derived constructions. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

GIVÓN, Talmy. On understanding grammar. New York: Academic Press, 1979. _____. Syntax I. New York: Academic Press,1984. _____. Functionalism and Grammar. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian. M. I. M. An introduction to functional grammar. 4ª ed. London: Hodder and Stoughton Educational, 2014. HENGEVELD, Kess;

MACKENZIE, J. Lachlan. Functional Discourse Grammar. A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, Ronald W. Cognitive Grammar: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LYONS, John. Semantics. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARINO NETO, Francisco. A manifestação da modalidade epistêmica em narrativas orais. 2006.

MENEZES, Léia Cruz de. Expressões linguísticas modalizadoras deônticas em função argumentativa: um exercício de análise retórico-funcional. 2011.

_____. A modalidade deôntica na construção da persuasão em discursos políticos. 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de usos do português. São Paulo: UNESP, 2001. . Texto e gramática. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____. Texto e Gramática. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. Estudos funcionalistas no Brasil. Delta, São Paulo, v. 15, p.70-104, 1999. Edição Especial. Disponível em: . Acesso em: 5 mar. 2017.

_____. A gramática do português revelada em textos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____. A modalidade. In: KOCH, I. V. (org). Gramática do português falado: desenvolvimentos. Campinas: Unicamp/ São Paulo, v.6, 1996.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. A modalidade na norma oral popular da cidade de Fortaleza. 2011.

PESSOA, Nadja Paulino. Modalidade deôntica e persuasão no discurso publicitário. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza, 2007.

_____. Modalidade deôntica e discurso midiático: uma análise baseada na Gramática DiscursivoFuncional. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza, 2011.

ISSN: 2447-6161

PEZATTI, Erotilde G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna C. (orgs). Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUZA, Edson Rosa Francisco. (org.). Novas tendências teóricas. São Paulo: Editora Contexto, 2012. _____. (org.). Análise e descrição. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

TEIXEIRA, Tatiana Gloor; FUZER, Cristiane. Uma proposta de análise de editorial como gênero textual. Linguagens & Cidadania, v. 13, n. 1, 2011.

THOMPSON, G. Introduction to functional grammar. London: Edward Arnold Publishers, 1996.

ISSN: 2447-6161